

**Associação Portuguesa de Ciências da
Comunicação (SOPCOM)**

ATAS

7º Congresso da SOPCOM

MEIOS DIGITAIS E INDÚSTRIAS CRIATIVAS – OS EFEITOS E OS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO

EDITORES

JOSÉ AZEVEDO

MOISÉS LEMOS MARTINS

15 a 17 de Dezembro de 2011

**Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da
Comunicação (CETAC.MEDIA)**

Faculdade de Letras

Universidade do Porto



Gerir e recuperar a informação noticiosa¹

Maria Elisa Cerveira²

Resumo: A resposta óbvia das empresas de média aos desafios colocados por uma sociedade em que as TIC assumem um lugar central, foi a rápido apetrechamento tecnológico. As alterações verificadas reflectiram-se nos métodos de produção noticiosa, que passaram a operar com diferentes linguagens de comunicação, e nos modos de armazenar, organizar, e recuperar a informação, e se transformaram num desafio para os responsáveis pela gestão do sistema de informação. Apesar do desinvestimento que se verificou na última década nos centros de documentação dos órgãos de comunicação social, podemos constatar que hoje está a despertar o interesse pela exploração dos repositórios informacionais das empresas que, para além do apoio à produção noticiosa podem, pela venda de informação ao exterior, revelar-se importante fonte de receitas para as empresas. Em Portugal há algumas iniciativas neste sentido que interessa destacar.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Centros de documentação; Gestão da informação; Imprensa escrita.

Abstract: The obvious answer of media corporations to the challenges posed by a society in which ICT plays a central role, was the rapid technological equipping. The changes were reflected in the news production process, which began to operate with different communication languages and, the organization procedures and information retrieval methods that became a challenge for information system managers. Despite the disinvestment in news libraries that occurred in the last decade, we can identify today a growing interest in the repositories of informational media organizations, in order to support the news production and also because the transaction of information and services can be an interesting source of economic revenue. In Portugal there are some initiatives in this sense that worth mentioning.

Keywords: Information Science; News Library; Information management.

Introdução

Este artigo insere-se numa investigação mais ampla que dará origem a uma tese de doutoramento sobre “A Gestão da informação noticiosa produzida e usada pelos jornais em Portugal” e pretende enquadrar e analisar a problemática do funcionamento dos serviços de documentação dos jornais no âmbito da Ciência da Informação, transdisciplinar e agregadora de disciplinas de cariz mais tecnológico como a Arquivística, a Biblioteconomia e a Documentação. A abordagem desta temática

¹Trabalho apresentado no GT Ciência da Informação do VII Congresso SOPCOM, realizado de 15 a 17 de Dezembro de 2011.

² Maria Elisa Cerveira, doutoranda em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, assistente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e membro do CETAC.MEDIA - Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação. Email: elisa.cerveira@gmail.com

sustenta-se no pensamento sistémico, integral e integrador, aplicado ao processo e fenómeno info-comunicacional. Alicerçado epistemologicamente na área da Ciência da Informação, este estudo será norteado pelo novo paradigma pós-custodial, informacional e científico.

Nas últimas décadas, os jornais em Portugal, assim como todos os órgãos de comunicação social, aproveitaram as oportunidades tecnológicas para renovar os serviços e criar novos produtos. Estas alterações reflectiram-se nos processos de produção noticiosa, que passaram a operar com diferentes linguagens de comunicação, e nos métodos de organização, armazenamento e recuperação de informação que se transformaram num desafio para os responsáveis pela gestão dos sistemas de informação.

A Internet passou a ser um meio de difusão privilegiado e os jornais, também em formato digital, passaram a complementar a notícia escrita com produções audiovisuais e uma actualização noticiosa em tempo real. O volume de informação disponível aumentou consideravelmente, bem como a urgência na obtenção de respostas rápidas e fidedignas sempre que é feita uma pesquisa.

Neste contexto, os centros de documentação têm vindo a demonstrar o seu papel central junto das equipas editoriais pois são repositórios de informação fundamental para a contextualização da peça jornalística. Os desafios que se colocam são de várias ordens: a recolha e avaliação sistemática da informação necessária à produção das peças jornalísticas; a organização da informação produzida utilizando metodologias que permitam uma recuperação eficaz; a compatibilização dos sistemas de produção, armazenamento e preservação da informação em diferentes tipos de suporte, o desenvolvimento de sistemas capazes de assegurar a eficiente utilização da informação necessária à produção noticiosa sem descuidar a sua integridade, singularidade e autenticidade.

O centro de documentação no apoio à produção noticiosa.

Nunca nos ocorre que na génese das notícias difundidas pela rádio, televisão ou imprensa escrita, possa estar um bibliotecário ou um arquivista, ou seja, um profissional de informação com formação especializada e competência técnica para encontrar, avaliar e organizar a informação necessária à produção noticiosa.

Em Portugal, como em todo o mundo, a maioria dos órgãos de comunicação social sempre contou com funcionários dedicados à tarefa de organizar os respetivos repositórios informacionais. Muitos eram funcionários administrativos, outros jornalistas mas, muito raramente, profissionais de informação qualificados especificamente para a função que desempenhavam, até porque os cursos de formação existentes estavam direcionados para as bibliotecas e os arquivos de cariz patrimonial. A actividade profissional nos centros de documentação dos órgãos de comunicação social pautou-se, na maioria dos países, e também em Portugal, pela não participação em cursos de formação adequada oferecidos pelas escolas de ensino superior (Semonche, 1993, p. 3) e, conseqüentemente, pela inexistência de qualquer tipo de reflexão teórica e científica sobre esta temática.

O isolamento destes profissionais revelou-se desastroso, não só para eles como para os repositórios de informação dos jornais que, nos momentos de crise económica que se sucederam ciclicamente ao longo da última centúria, acabavam por ser os primeiros a ser dispensados. Muitos acumularam a sua actividade com a de jornalistas e era com esse grupo profissional que se identificavam. No entanto, o trabalho de bastidores destes profissionais de informação revelou-se sempre uma mais valia para o desempenho jornalístico, como demonstrou a parceria de Liz Donovan, documentalista do Washington Post, com os jornalistas Bob Woodward e de Carl Bernstein em todo o processo de investigação e acompanhamento do caso Watergate (Paul, 2009, p. 249).

Já no início do séc. XX, um vasto número de profissionais que trabalhava nas bibliotecas e centros de documentação de organizações, entre as quais os órgãos de comunicação social, tinham consciência da relevância da sua actividade no apoio à tomada de decisões empresariais. Decorrente do movimento dos documentalistas iniciado em 1895 com a fundação do International Institute of Bibliography (IIB) por Paul Otlet e Henry de La Fontaine (Rayward, 1997), foi criada, nos Estados Unidos, a Special Libraries Association (SLA) reunindo um grupo de profissionais cuja preocupação era, não só a organização da informação mas, fundamentalmente, a construção de sistemas de recuperação e difusão de informação.

Ao contrário dos restantes bibliotecários, os *special librarians* consideravam-se, acima de tudo, “fornecedores de informação” e não limitavam a sua actividade ao tratamento de livros, mas da informação, independente do suporte material em que se encontrava. Os membros do SLA representavam organizações de vários tipos, como

departamentos legislativos, agências governamentais, companhias de seguros e uma grande variedade de empresas comerciais e industriais (Williams, 1983).

Em 1924, foi criada a Special Libraries Association News Division, uma secção com o objectivo de incentivar a utilização e o conhecimento das coleções dos arquivos e centros de documentação dos órgãos de comunicação social, bem como para publicar e estimular a pesquisa nesta área no sentido de promover elevados padrões profissionais, objectivo concretizado através da publicação regular da revista News Library News. Com objectivos similares surge, em 1986, no Reino Unido, a Association of UK Media Librarians. O dinamismo destas associações ao longo da segunda metade do século passado é a prova do investimento feito pela indústria dos media no setor da informação.

Na última década do séc. XX o uso das novas tecnologias de informação veio reposicionar o centro de documentação no contexto dos órgãos de comunicação social. Nas redações, as máquinas de escrever foram substituídas por computadores que agilizaram a produção e difusão das peças noticiosas e os serviços de documentação viram aumentar exponencialmente os seus repositórios que passaram a incorporar informação exterior à organização, em alguns casos, resultante de pesquisa efetuadas em bases de dados. Com a informação a circular em suporte digital, a tarefa de controlo da circulação e armazenamento dos documentos, que constituía uma parte importante da rotina do documentalista, deixou de fazer sentido. A actividade dos jornalistas também se transformou porque o uso dos novos suportes digitais aceleraram todo o processo de difusão da informação que, apoiado nas modernas tecnologias de informação, é agora mais económico, em tempo real e facilmente ajustável às necessidades de cada utilizador. A linguagem e as estratégias de pesquisa usadas na pesquisa de bases de dados requeriam uma preparação específica que os jornalistas não possuíam. Era necessário conhecer as especificidades de cada base de dados e, nesse campo, o mediador eleito era o documentalista. Conforme refere Nora Paul, o documentalista abandona o seu papel de *Information gatekeeper* e passa a ser *Information intermediary* (Paul, 1997).

A pesquisa de informação em bases de dados comerciais, como a FT Profile, aLexis ou a Dialog, tornou-se um recurso que, embora relativamente dispendioso, era indispensável para a obtenção de dados atualizados. Também neste setor, as estratégias de pesquisa adequadas aplicadas pelos documentalistas eram fundamentais para garantir resultados eficazes com custos mais baixos.

No final dos anos 90, a divulgação de software de pesquisa mais amigável e o acesso à Internet disponível em todos os terminais da redação veio permitir o acesso direto dos jornalistas aos recursos informativos sem necessidade de recorrer ao documentalista como mediador.

Estas mudanças, originadas pelo desenvolvimento tecnológico do final do século XX, são também referenciadas por Cebrian Enrique num artigo publicado em 1998. Segundo este autor, a transição do meio impresso para o meio electrónico, como suporte para armazenamento e recuperação da informação, despoletou um processo de mudança contínuo que passou pela adaptação a novas formas de organização do trabalho, à polivalência de funções, bem como ao aumento da eficácia dos serviços decorrente da crescente exigência de rentabilidade. (Cebrian Enrique, 1998).

Nos centros de documentação dos media, os documentalistas aproveitaram as ferramentas tecnológicas disponíveis para reinventar a oferta de serviços que direccionavam para novos públicos. Conforme refere Nora Paul: “Many news librarians are contributing to the content of newspaper’s websites through the creation of special information packages, backgrounders, and chronologies”(Paul, 1997).

O desenvolvimento das Intranet como novo meio de difusão informacional foi também aproveitado pelos documentalistas que passaram a disponibilizar recursos previamente seleccionados e organizados. Sobre a adaptação da atividade dos documentalistas à nova conjuntura tecnológica e informacional, Cebrian Enrique conclui que “en el context actual, interesa resaltar la primera y la última función de la cadena documental, la selección y la difusión”(Cebrian Enrique, 1998).

Ao documentalista cabe a responsabilidade de fornecer conteúdos para serem publicados. Fá-lo através de pesquisas complexas, da confirmação de factos, da recuperação de imagens e da produção de dossiers temáticos que vão constituir fontes de informação seleccionada e pronta para ser usada na criação de qualquer peça jornalística.

A nova economia da informação

Na viragem do milénio surge em Portugal, à semelhança dos outros países, uma “nova economia da informação”, um setor forte de produção e comercialização de informação que veio animar um novo mercado gerador de importantes receitas e muito

atractivo para os grandes grupos económicos. As empresas de comunicação social atraem outras empresas, de áreas de diferentes, com o predomínio das telecomunicações e da informática. Os novos grupos económicos agregam diferentes meios de comunicação (imprensa escrita, rádio, televisão) numa lógica economicista em que a Internet oferece um campo mais amplo de implantação e os aspectos comerciais adoptam dinâmicas mais arrojadas. Conforme refere Fernando Correia, no ano 2000 a

“Impresa, Lusomundo, Media Capital e Impala possuíam cerca de cem dos principais órgãos (da imprensa, rádio e TV) de expansão nacional, dominando quase em absoluto as tiragens e as audiências, com excepção do pertencente ao Estado e à Igreja Católica e alguns casos pontuais”(Correia, 2006).

As novas condições de produção e de distribuição da informação, alicerçadas nas modernas tecnologias de informação e comunicação, funcionavam de um modo articulado e favoreciam a integração das empresas mais pequenas. O jornalista tornou-se um produtor de “conteúdos” que, de uma forma polivalente, adaptava à imprensa escrita, à rádio, à Internet e, até à televisão.

Esta concentração da propriedade dos média veio, também, acentuar a lógica do lucro e da rentabilidade máxima de todos os recursos o que, em muitos casos, se tornou fundamento para negligenciar, e até eliminar, o serviço de documentação de apoio à redacção. Os jornalistas passaram a fazer as pesquisas que necessitavam para produzir as peças noticiosas e, também eles, procediam à “organização” da informação na medida em que lhes adicionavam metadados para posterior recuperação. Na perspectiva dos órgãos de administração destas empresas, a função de documentalista tinha perdido a utilidade e, em muitos casos, estes profissionais deixaram de fazer parte da estrutura da empresa.

Em 2001, numa reunião efetuada na School of Communication and Journalism da Universidade do Minnesota onde participaram vários documentalistas para refletir sobre as novas condições económicas e tecnológicas dos órgãos de comunicação social, as necessárias adaptações dos centros de documentação e a ação dos documentalistas, as recomendações foram as seguintes: “to serve the business side of news organizations as well as the news side, and to demonstrate more proactively what the library can do for the organization”(Barreau, 2005, p. 328). Segundo Katharine Schopflin as soluções encontradas pelos documentalistas tiveram resultados diferentes nas empresas: “In some cases, managing and controlling subscriptions, catalogues and research intranets raised the library’s profile, made them seem relevant to younger journalists” e, refere ainda a autora, os documentalistas que superaram o período de

crise, conseguiram-no “through a mixture of communication, diversification and, especially, promotion”(Schopflin, 2008, p. 2).

A par desta tendência para desvalorizar o trabalho dos documentalistas e, conseqüentemente, a importância do repositório informacional, surgem algumas empresas que investem somas avultadas neste sector. As razões desse investimento são essencialmente de carácter operacional e económico. Por um lado a qualidade da informação difundida pois, a ausência de profissionais de informação a analisar e verificar as fontes de informação usadas pelos jornalistas levou a um aumento considerável de erros nas notícias, alguns deles suficientemente relevantes para necessitarem de correções em edições posteriores e fazerem perigar a reputação da empresa comunicação. Por outro lado, começou a ser notório o interesse comercial proveniente da exploração e venda de conteúdos noticiosos que deu origem, em muito poucos anos, a diversos serviços on-line, de arquivo e distribuição de conteúdos noticiosos, os chamados agregadores de conteúdos, e também diretórios com o acesso ao arquivo/centro de documentação das empresas de mídia. Algumas destas empresas, como a NewsLibrary, que disponibiliza hoje cerca de 173 milhões de artigos de centenas de títulos de jornais, ou a NewspaperARCHIVE que cataloga 2.5 milhões de artigos por mês e oferece ainda, coleções temáticas, constituem uma importante fonte de informação que vendem a instituições de todo o mundo.

Ao tomarem consciência do valor dos seus repositórios informacionais, as empresas tiveram que investir em recursos humanos qualificados, não só para lidar com os desafios colocados pelas novas tecnologias da informação, como para proceder à gestão da informação, à análise e avaliação de conteúdos e à difusão da informação.

No novo contexto tecnológico-informacional alguns órgãos de comunicação social começaram a investir em plataformas integradas de gestão de informação que pudessem suportar todo o ciclo de elaboração conteúdos, a sua gestão, a publicação, a receção de informação vinda do exterior (em particular das agências de notícias) e que proporcionassem facilidades na criação de produtos de valor acrescentado, composição e layout e difusão seletiva de informação.

Os centros de documentação dos jornais em Portugal

Em Portugal, o desinvestimento nos centros de documentação dos jornais, acompanhou a tendência internacional e, embora as empresas continuassem a proceder ao armazenamento da informação produzida, o certo é que estes serviços perderam todo o dinamismo que a conjuntura informacional exigia. Por outro lado, a acumulação da informação produzida sem uma gestão eficaz, rapidamente tornou os repositórios impenetráveis e os jornalistas deixaram de contar com profissionais para apoiar as suas pesquisas e habituaram-se a contar exclusivamente com eles próprios.

Os novos títulos que entretanto surgiram, muitos somente em formato digital, constituem arquivos acessíveis através de palavras-chave atribuídas pelos próprios jornalistas aquando da produção da informação. A exploração destes repositórios, feita pelos próprios jornalistas, fica condicionada ao tempo disponível, à capacidade de cada um para proceder à análise e avaliação da informação recolhida e o resultado das pesquisas raramente é partilhado pelos restantes elementos da redação.

Na última década, no âmbito da imprensa escrita, começam a surgir em Portugal algumas respostas consistentes aos desafios colocados pela sociedade informacional que importa referenciar.

A GESCO - Gestão de Conteúdos e Meios de Comunicação Social, S.A. é uma empresa independente, detida pela Impresa Publishing, S.A. cuja principal atividade é a gestão integrada de centros de documentação e arquivos do grupo Impresa. Esta empresa foi criada no ano 2000 e começou, desde logo, a reunir e preparar os arquivos das diversas publicações impressas do grupo para incorporar um repositório estruturado em formato digital, capaz de afiançar a segurança dos conteúdos informativos e permitir aos jornalistas do grupo o acesso fácil à informação através de uma plataforma desenhada á medida das suas necessidades de pesquisa e consulta – a GESCO-BDINFO.

Esta plataforma digital veio permitir a coexistência, no mesmo sistema, dos conteúdos dispersos nos vários arquivos e centros de documentação da IMPRESA Publishing, SA, como: Autosport, Blitz, Volante, Activa, Arquitectura & Construção, Caras, Caras Decoração, Casa Cláudia, Courier Internacional, Exame, Exame Informática, Expresso, Ideias, Intelligent Life, Jornal de Letras, Stuff, Telenovelas, TV Mais, Visão, Visão Estilo+Design, Visão Vida e Viagens, Visão História e Visão Júnior. A Gesco possui ainda o arquivo de títulos que já desapareceram como “A Capital”, “O Jornal” e o “Sete”. Entre a lista dos clientes externos da Gesco, faz também parte o jornal “Público” e o “Jornal I”.

A BDInfo é uma base de dados de arquivo electrónico multi-formato e multi-publicação que permite reunir num mesmo sistema texto, fotografias (JPEG), páginas (PDF), etc., estabelecendo entre elas todas as associações e ligações necessárias, que anteriormente eram impossíveis de realizar. Para além da pesquisa o utilizador dispõe de outras funcionalidades, como a criação de pastas pessoais, a personalização das pesquisas e a navegação na Web.

Através desta plataforma o utilizador tem, também, à sua disposição, alguns serviços de valor acrescentado, desenvolvidos no centro de documentação: uma revista de imprensa, num sistema de recortes de imprensa electrónico, que abrange os mais importantes títulos da imprensa nacional; dossiers temáticos elaborados a partir de toda a informação existente na BDInfo, filtrada de acordo com a pretensão do utilizador (a construção destes dossiers pode ser feita em parceria com os próprios jornalistas e durante esse período mantêm-se na sua área privada); e um módulo de eventos que engloba cronologias, necrologias e efemérides, que são pesquisáveis por áreas de interesse.

Embora toda a gestão de conteúdos seja feita numa plataforma digital, a Gesco continua a preservar os originais em papel, colecionando quatro exemplares de cada título publicado.

No mesmo sentido, o grupo Controlinveste tem vindo a investir na gestão dos conteúdos noticiosos no setor da imprensa escrita. Fazem parte do grupo um conjunto diversificado de jornais e revistas, como o Jornal de Notícias, Diário de Notícias, 24Horas, O Jogo, Global Notícias, Jornal Ocasão; as revistas Evasões, Volta ao Mundo, Notícias Sábado, Notícias Magazine, Notícias TV, Revista J; e da imprensa regional: o Açoriano Oriental (o mais antigo jornal de Portugal), o Jornal do Fundão e o Diário de Notícias da Madeira.

Ao contrário do que acontece com a Impresa Publishing, S.A, o grupo Controinveste é detentor de alguns jornais centenários, possuidores de arquivos volumosos em formato papel, nos quais foram usadas processos diferentes de armazenamento, organização e gestão dos conteúdos noticiosos. O modo como se encontram estruturados estes repositórios, e as lógicas diferentes que sobrevieram à sua constituição, dificultam consideravelmente a criação de um único sistema integrado. Para além disso, a criação de um sistema de gestão de conteúdos comum a vários jornais, vai obrigar a normalizar comportamentos que são específicos de cada redação.

Todavia, podemos já constatar uma evolução significativa dos centros de documentação dos jornais JN e DN, que já possuem sistemas de armazenamento e recuperação da informação capazes de dar resposta rápida às necessidades dos seus utilizadores.

A integração dos novos conteúdos no repositório é feita com o apoio de normas internacionais (como as IPTC - International Press Telecommunications Council), bem como de um Tesauro comum. Os jornalistas são, também, elementos participantes no processo de construção da base de dados já que são chamados a atribuir metadados aos conteúdos que produzem.

O grande desafio é a integração da informação (texto e imagem) que existe armazenada há décadas, em diversos suportes e, particularmente os suportes fotográficos, que começam a necessitar de uma intervenção rápida para a sua preservação.

Conclusão

No contexto da sociedade da informação ou sociedade informacional, como prefere Manuel Castells, a produção de informação, o seu processamento e transmissão, sustentados por uma conjuntura de grande desenvolvimento tecnológico, constituem fontes principais da produtividade e do poder (Castells, 2005, p. 88).

Como as outras organizações, os media utilizam as redes (interna e externa) e as novas tecnologias da informação para reunir, armazenar, processar, procurar e comunicar informação de uma forma mais eficaz. O papel como suporte de informação foi sendo substituído pelo formato digital nas redacções dos órgãos de comunicação, e o trabalho de jornalistas, fotógrafos e outros profissionais da comunicação é aplicados simultaneamente em produtos diversos como o jornal “tradicional”, a versão on-line, o blogue ou a página web. (Castells, 2004, p. 15)

As redacções dos jornais transformaram o seu modus operandi, e as matérias que eram redigidas para imprimir ao fim do dia passaram a ser publicadas em tempo real, com um sentido de urgência permanente que as novas tecnologias de comunicação “inventaram” há cerca de duas décadas.

O estudo em curso tem como objetivo a análise do funcionamento dos centros de documentação dos jornais em Portugal. No decurso deste processo já foi possível

verificar a existência de realidades bem distintas no que respeita ao funcionamento dos centros de documentação: o das empresas pertencentes a grandes grupos media, como é o caso da Gesco, pertença do grupo Impresa, e as do grupo Controinveste; e a situação da maioria dos jornais, impressos ou em suporte digital, e alguns associados a outros meios de comunicação (como, por exemplo rádios locais).

As empresas pertencentes aos dois grandes grupos media referidos, têm vindo a investir regularmente em sistemas integrados, robustos, que armazenam e dão acesso a toda a informação produzidas na empresa, publicada ou não, e, também, à informação produzida exteriormente em outros órgãos de comunicação, em blogues ou proveniente de instituições publicas ou privadas. Estes centros de documentação contam com o apoio de equipas bem preparadas que actuam em diferentes áreas: o armazenamento da informação (que contempla, naturalmente, a organização e a representação da informação); a recolha, análise e seleção de informação produzida fora das redações do grupo, seguindo metodologias e princípios orientadores ajustados às necessidades dos jornalistas; a criação de produtos de valor acrescentado, (como, por exemplo, os dossiers temáticos) a pedido da redação, ou antecipando necessidades futuras; a publicação de informação em breves apontamentos dos jornais ou revistas do grupo; o serviço de referência que assegura a resposta a todo o tipo de questões colocadas pelos jornalistas que podem implicar a execução de pesquisas complexas, a confirmação de factos, recolha de imagens e a recuperação de fontes de informação necessárias à contextualização de qualquer peça jornalística.

Estes dois casos, ainda em estudo, apresentam sistemas de informação em diferentes estados de maturidade. A Gesco abrange um conjunto de publicações mais jovens (algumas delas posteriores à criação do próprio centro de documentação) que se adaptaram com facilidade aos requisitos necessários ao bom funcionamento do CD, cujo dinamismo já conquistou um lugar central na actividade de produção noticiosa. O grupo Controlinveste abarca um conjunto de publicações mais antigas (algumas centenárias), geograficamente dispersas, e que possuem repositórios informacionais relevantes. Estas condições atrasam o processo de desenvolvimento de um sistema de informação integrado, embora, no caso do JN e DN, o resultado do investimento efetuado nos respetivos centros de documentação já se faça sentir junto da redação e dos utilizadores externos.

Relativamente aos restantes jornais portugueses, são poucos os que possuem um centro de documentação a trabalhar em parceria com a redação. Na generalidade, todos

possuem um arquivo com a produção própria e salientam a sua importância, mas são raros os que contam com funcionários credenciados para desenvolver um serviço de referência eficiente. A ausência de serviço de apoio aos jornalistas leva à falta de rentabilização das pesquisas que, depois de efetuadas, ficam na posse dos seus autores – os jornalistas - e como não são partilhadas pelos colegas da redação, dificilmente serão reutilizadas. Esta situação não acontece se o centro de documentação apostar no seu papel de dinamizador da produção noticiosa, porque, conforme refere Joan Sweeney Marsh “news libraries are (...) the lifeblood of a newspaper”(Marsh, 2005, p. 120)

Bibliografia

BARREAU, D., Integration of information professionals in the newsroom: Two organizational models for research services. *Library & Information Science Research*. Vol. 27. n.º 3 (2005). p. 325-345. Disponível em WWW: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/B6W5R-4GG2J0X-1/2/46ebef3f6d918f1962136600dc47ae31>>.

CASTELLS, M., *A galáxia Internet*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CASTELLS, M., *A sociedade em rede*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

CEBRIAN ENRIQUE, B., Nuevos enfoques sobre la misión del documentalista en los medios de comunicación. *Documentación de las Ciencias de la Información*. n.º 21 (1998). p. 91-100.

CORREIA, F., *Jornalismo, grupos económicos e democracia*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

MARSH, J., Goodbye City Morgue: News Librarianship in the Information Age. *Felicitier*. Vol. 3. (2005). p. 120.

PAUL, N., *Media libraries and new media*. London: City University, 1997.

PAUL, N., Elegy for the news library. *Profesional De La Informacion*. Vol. 18. n.º 3 (2009). p. 249-253. Disponível em WWW: <<Go to ISI>://000266725000001>.

RAYWARD, W., The origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). *JASIS – Journal of the American Society for Information Science*. . Vol. 48. n.º 4 (1997). p. 289-300.

SCHOPFLIN, K., *A handbook for media librarians*. London: Facet Pub., 2008.

SEMONCHE, B., News Library History. Em:*News media libraries : a management handbook*, edited by B. P. Semonche. Westport, Conn: Greenwood Press, 1993.

WILLIAMS, Z., Knowledge put to work: SLA at 75. *Special Libraries*. Vol. 83. n.º 4 (1983). p. 370-382.